

A USP NESTES ÚLTIMOS ANOS



*Primeiro coordenador científico da Fapesp e membro da National Academy of Sciences, o professor **Warwick Estevam Kerr** afirma, neste artigo, que o evento inovador mais importante da USP, no que se refere a ensino, qualificação e treinamento universitário, foi a implantação do curso de pós-graduação, em 1968. Para a defesa do cidadão universitário, no entanto, foi a criação da Adusp, em 1976. Atual coordenador do curso de pós-graduação de genética e bioquímica da Universidade Federal de Uberlândia, o professor Warwick Kerr analisa também a importância da Fapesp para o progresso e desenvolvimento da pesquisa.*

A Universidade de São Paulo deve muito do seu prestígio às violências de Hitler, que, em 20 de janeiro de 1933, tornou-se “chanceler” da Alemanha e, após a morte de Hindenburg (02/08/34), “Führer und Chanceler”, em outras palavras: Ditador (1934/1945). Escreveu seu livro *Minha luta* durante os nove meses em que esteve na cadeia – nele manifesta seus temores, seu ódio aos judeus e seu desprezo pela democracia.

As violências e perseguições começaram em 1933, com intimidações, telefonemas anônimos, quebra-quebras e perseguições que se incrementaram até os “campos de concentração”, com torturas e mortes. Por isso, a partir de 1933, muitos democratas e professores judeus fogem da Alemanha sendo que uma parcela expressiva deles vêm para o Brasil. Vários chegam à

USP (criada em 1934), o que a fez dar um salto de qualidade frente às demais universidades da América Latina.

Lembro-me, rapidamente, de 10 que vieram para o estado de São Paulo: Friedrich Gustav Brieger (geneticista, colaborador de K. Correns), Ernest Marcus e sua senhora (zoólogos), Félix Rawicher (botânico), H. Hauptmann (químico), Giorgio Schreigber (citologista), H. Breslau (zoólogo), A. Levy-Straus (antropólogo), H. Gilbertsmith (microbiologista) e F. Ottensooser (hematologista). Três pessoas fo-

ram responsáveis por colocar a genética brasileira, em 1964, em 4º lugar no mundo: F. G. Brieger (na ESA Luís de Queiroz, da USP, em Piracicaba), A. Dreyfus (na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, em São Paulo, com forte auxílio de Theodosius Dobzhansky, da Columbia University) e Carlos Arnaldo Krug (no Instituto Agrônomo de Campinas).

De 1º de abril de 1964 até dezembro de 1974, a genética foi, com outras ciências, muito prejudicada por prisões, perseguições, de-

O evento inovador mais importante da USP no que se refere a ensino, qualificação e treinamento universitário foi a criação de cursos de pós-graduação em 1968; para a defesa do cidadão universitário, foi a fundação da Adusp em 1976, ...

missões e exílios de cientistas de primeira linha. O Dr. Júlio Pudles estava prestes a descobrir um anestésico perfeito estudando garotos que não sentiam dor; o Dr. Luiz Hildebrando Pereira da Silva estava terminando a criação do laboratório de Genética de Microorganismos e aglomerando pesquisadores de ótimo nível na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (USP).

Nas esferas universitárias, o caso mais grave aconteceu na USP, onde três professores dedos-duros acusaram 44 colegas de serem comunistas, o que era considerado um crime

pela ditadura militar. Mais tarde, quando os próprios militares examinaram os processos, encontram apenas 5! Em 1978, o general Sílvio Frota apresentou uma lista de 95 comunistas que ocupavam cargos importantes em órgãos federais do país: a lista era uma vergonha tanto como tentativa de perseguição como por demonstração de deficiência de informação; continha nomes de pessoas mortas, ou que trabalhavam em empresas particulares ou que tinham emigrado do país. Até eu (na época diretor do INPA) estava nes-

se listão, e posso dizer que sempre fui socialista mas nunca comunista - o comunismo ditatorial de linha soviética, inclusive, proibia o ingresso de geneticistas no partido.

O evento inovador mais importante da USP no que se refere a ensino, qualificação e treinamento universitário foi a criação de cursos de pós-graduação em 1968; para a defesa do

cidadão universitário, foi a fundação da Adusp em 1976, e para o progresso da pesquisa científica, em que a USP foi a maior beneficiada, foi a instalação em alto nível da Fapesp em julho de 1962.

Dialogando sobre o papel da Universidade na Indústria e Agricultura com o Dr. Tetsuo Tsugi, doutor pela USP e hoje professor da Universidade Federal do Maranhão, sobre pesquisa básica e aplicada, chegamos a duas conclusões:

a) Os professores e alunos das nossas universidades não gostam de fazer extensão universitária. E

parece que isso é característica da grande maioria das universidades do mundo, talvez sendo Cuba a única exceção.

O Dr. Neal Lane, diretor da National Science Foundation, dos EUA, diz (em um artigo de Eliot Marshall, 1996) que a coisa que ele mais procura é um “cientista-cidadão que ame a sua terra, que tenha compromisso com o seu povo. O cientista cívico, larga, de vez em quando, o seu laboratório e constrói a fascinação do público para com o mundo natural, fazendo com que a ciência esteja sempre nos primeiros lugares da agenda da sociedade. Ele critica a atual diminuição de verba para a pesquisa, dizendo que é “um experimento insensato”, porém, “acrescenta”: parte da culpa é dos próprios cientistas, pois é óbvio que “o público gosta da ciência, porém, será que os cientistas gostam do público?”. As diminuições de verbas para a pesquisa científica, que o Dr. Neal Lane chama de “experimento insensato” (pois os asiáticos estão fazendo o contrário), fazem-nos lembrar do grande professor Charles William Eliot, que por 40 anos (1864-1904) foi reitor da Harvard University, elevando-a à categoria de uma das melhores universidades do mundo. O Dr. Eliot apresentou ao Presidente Theodore Roosevelt (1901-1909), como seu conselheiro que era, uma lista de gastos com a educação nos três níveis. Roosevelt olhou a lista e disse: “A Educação está muito cara!” O Dr. Eliot replicou imediatamente: “Se você acha a educação muito cara, experimente a ignorância”.

Infelizmente, tanto o governo federal como os estaduais e municipais de nosso país ainda não aprenderam a lição de Darcy Ribeiro: “O Japão deu certo porque criou escolas”.

b) A segunda conclusão é que nos países desenvolvidos a indústria e a agricultura, além de produzirem ciência, têm fortes laços de ligação com as universidades, o que nos países subdesenvolvidos não acontece. Como triste consequência, as universidades do ter-

Infelizmente, tanto o governo federal como os estaduais e municipais de nosso país ainda não aprenderam a lição de Darcy Ribeiro: “O Japão deu certo porque criou escolas”.

ceiro mundo têm ligações com as universidades do primeiro mundo, e a indústria subdesenvolvida tem laços de submissão com a indústria dos países desenvolvidos.

O último número de *Interciência* traz um artigo muito interessante de três autores mexicanos (Tovar *et al.* 1996). Começam com a universidade medieval, que sofreu sua primeira revolução ao final do século XIX, quando a experimentação passa a ser um função da universidade. A segunda revolução deu-se quando a uni-

versidade se integrou ao desenvolvimento econômico, ou seja, se produziu a “capitalização do conhecimento”. Esses autores criticam o governo mexicano, que, nos últimos 12 anos, privilegiou a manipulação financeira em vez de fortalecer a produção e as universidades. Como satirizava um comico brasileiro: “Nós brasileiros, que não estamos acostumados com isso, estranhamos”.

Aqueles três cientistas citam em seu artigo quatro casos de transferência de tecnologia dos quais mencionarei o primeiro. É a colaboração de um industrial mexicano, que buscou auxílio da Universidade Nacional Autônoma de México. Desenvolveram uma bebida isotônica, Enerplex, que permitia ao desportista recuperar rapidamente água, sais, vitaminas hidrossolúveis e carboidratos. Cinco anos depois a Quaker Oates (que no México se chama La Azteca) introduziu no México a Gatorade, que faz quase a mesma coisa. Neste caso a única deficiência desta colaboração foi a falta de patriotismo, de um maior apoio do comércio e, talvez, de uma melhor propaganda com apelo nacionalista.

Algumas pessoas da alta administração comparam o preço de um aluno nas universidades particulares com o das governamentais, esquecendo-se das pesquisas, dos hospitais e dos institutos. Costumo dizer que universidade sem pesquisa é ginásio piorado, e, sem extensão, é um corpo sem coração.

Aqui estão alinhavados alguns problemas aos quais a Adusp precisa estar atenta para bem cumprir sua missão. **RA**